



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

| | |
|---|--------|
| ANNO (52 numeros) | 480000 |
| OITOMEZES (até ao fim deste anno) | 320000 |
| SEMESTRE (26 numeros) | 250000 |
| NUMERO AVULSO | 10000 |
| SUPPLEMENTO | 500 |
| NUMEROS ATRAZADOS | 10500 |
| SUPPLEMENTOS ATRAZADOS | 10000 |

ESCRITORIO E REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 28 de Novembro de 1895

N. 30

A CIGARRA

Dia de lagrymas este ultimo domingo, nublado e triste ; lugubre domingo sem alegrias e sem sol. Foi o primeiro anniversario da morte do Mallet—d'aquelle adorado Pardal Mallet, tão sincero, tão nobre, tão generoso e tão puro. A *Cigarra* leva uma braçada de flôres ao tumulo humilde do malaventurado moço.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a **PEDRO RABELLO**, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com **JOSÉ BARBOSA**, director-gerente.





Dizem os jornaes que se vae fazer uma grande exposiçãõ industrial em 1900. Serã, naturalmente, uma exposiçãõ fim de seculo, sem

embargo da opiniãõ que sobre o assumpto haja manifestado o *Pius*. A esse mesmo brilhante orgãõ pertence a idéa do novo certamen embora lh'a contestem, e não será muito dizer que ella me parece definitivamente accêita. Oitenta deputados tomaram já a si o compromisso de votar mil contos de réis para as despezas necessarias .. Vamos ter, portanto, em 1900, uma grande exposiçãõ industrial.

Eu não discordo da idéa — digo-o para tranquillidade da Nação, a quem a ignorancia deste meu parecer sobre o caso, mantivesse, porventura, de olhos esboghados, anciosa e suspensa. Repito-lhes que não discórdo. Mas, por amor de Deus! uma vez que ha tão boa vontade para ella, uma vez que, ainda no nascedouro, já uma duplicata de paes lhe apparece, naturalmente para lhe dar o caracteristico dessa duplicidade que é a marca da fabrica da Republica — façam-me ao menos o obsequio de dispor as cousas de tal modo que, terminada a exposiçãõ, a Capital Federal tenha lucrado um edificio decente, solido, com estylo, com arte, um edificio que a gente possa orgulhosamente ver e mostrar.



Tive um compadre — gastador nunca visto, inimitado mãos rotas a quem o dinheiro mal aquecia as algibeiras, n'um infundavel trabalho de entrar e de sahir. Andou assim dez annos mas, afinal convenceu-se de que o vicio, bem aproveitade redundaria em beneficio proprio. Desde que só lhe era necessario gastar, muito, depressa, como quem não tem mais nada a fazer se não pôr dinheiro fóra, gastava-o no mesmo dia em que o apanhava, mas gastava-o no Preço fixo, na Torre Eiffel, no Colombo.

Assim, ao despertar no outro dia, com a dolorosa certeza de que nem uma lagartixa de cinco miseraveis tostões lhe parava ainda no bolso, uma compensaçãõ lhe apparecia para o desastre — as novas camisas, as botas, as gravatas, os chapéos.

Façamos como o meu compadre. Ponhamos muito dinheiro fóra, muitissimo, com ou sem necessidade, mas que ao despertar no dia seguinte, possamos ter uma compensaçãõ em cousas uteis, amontoadas em delirio, mas positivas e reaes.



Pertence á semana a critica abracadabrante com que um reputado bibliographo se atira á obra de novel escriptor.

São muito para notar as proporções e a severidade dos conceitos. Zé Verissimo — o critico — passa por conseguinte a ser um critico Se-Verissimo.



Da *Noticia*, de 22 :

Houve hontem uma transposiçãõ de periodos no artigo — Estrada de Ferro Central do Brasil.

Uma leitura attenciosa fará perceber o equivoco. »

E' o cumulo do descarrilamento — descarrilarem os proprios periodos em que se fazem referencias á Central

Pierrot.

NOSSOS INTERVIEWS

Encarregado da série de interviews cuja publicação ora empheñde a *Cigarra*, e, antes de mais nada, surprehendido com a notavel fecundidade do novellista, critico e philosopho C. de V., festejado auctor do *Chiquinho-Asa-Negra* (livro de um scepticismo derreante), das *Opiniões e Extravagancias* (inexoravel tunda nos homens celebres de todos os tempos) e do *Jornal de um celibatario*, (livro transbordante de psychologia e que tão vigoroso successo acaba de obter); surprehendido com a notavel fecundidade de C. de V. — dizia eu — resolvi começar estes interviews pela indagação dos motivos por que tanto e em tão pouco tempo ha produzido o scintillante escriptor.

Puz-me por isso á cata do lucido-incandescente litterato (deixo de dizer brilhante porque a luz incandescente é hoje a ultima palavra em illuminação). Faltava-me o conhecimento exacto da sua moradia; mas não desanimei de o encontrar. E' sabido que na rua do Ouvidor se encontram todos os nossos homens notaveis... e os que o não são. E, aliás, essa promiscuidade me revolta. Que diabo! Porque se não ha de fazer uma selccção naturalissima? A rua do Ouvidor para os homens de talento; a do Rosario para os que o não tiverem, a juizo de uma commissãõ especial.

Revenons à nos moutons.

Imagine-se a minha estupefacção ao saber que o inesgotavel escriptor detesta a nossa principal arteria. Do escriptorio parte directamente para casa. E' como se vê o talento alliado á modestia. Esse procedimento encheu-me as medidas, embora trazendo-me certo descontentamento pelo insuccesso do meu projectado interview.

Estava, escripto que eu o haveria de encontrar. Ha tres dias, entrando n'um bond de Humaytá, sentei-me precisamente ao lado do fulgurante prosador. Peço permissãõ para traçar aqui ligeiramente a sua figura. Póde não ser muito verdadeira a reproducção; garanto, porém, que empregarei nella toda a maior boa vontade.

Alto, magro, secco, barba a Andó, cabellos castanhos claros, cara fechada, ar resoluto e energico; C. de V. é, emfim, um homem de difficultosa abordagem. Abordei-o, porém, com um sorriso nos labios e uma extraordinaria dóse de commoção na garganta:

— Creio que me não engano... V. S. é o auctor do *Jornal de um celibatario*, essa delicada obra que o proprio Bourget não hesitaria em assignar...

— Não tenho a honra de o conhecer.

— A Bourget ?

— Não ; ao senhor.

Declinei imediatamente o meu nome e a minha especialidade.

— Ah ! o senhor pertence á *Cigarra* ? Conheço ; é um bom jornal. Como vae a illustrada redacção ?

Fiz-lhe notar que a illustrada redacção passava bem, muito obrigado. C. de V. continuou :

— Com que então vae interviewar a metade do Rio de Janeiro, hein ? E' detestavel a sua mania !

— Mas, na Europa é costume... Jules Huret...

— Ora não me venha cá com Hurets ! Um mexeriqueiro !

— Não sou precisamente da sua opinião... E' um habil reporter que se dirige ás maiores notabilidades...

— Notabilidades ? São frescas, as suas notabilidades ! Dumas, Sardou, uns tantos *parvenus* em litteratura. O que me admira é que espiritos preparados e lucidos acceitem esses...

— Desculpe a minha temeridade... Eu desejaria saber como póde V. S. produzir tantos livros seguidos...

— Ah ! quer saber, hein ! — e elle piscava-me o olho — E' um truc que ainda ninguem descobriu. O que eu não sei é se convirá que lh'o explique...

— Um homem da sua tempera cousa nenhuma deve receiar...

— Homem, lá isso, é mesmo ! Para que estar agora com luxos... O meu truc consiste n'um viveiro de reminiscencias...

— N'um viveiro de .. ?

— De reminiscencias. E' como chamo ao meu systema. Tenho uma enorme pasta dividida em secções de A a Z. Em cada uma dessas secções conservo um pensamento, um dito, uma phrase de escriptor conhecido, prosador ou poeta. Os proprios libretistas de opereta lá figuram. Imagine que eu quero fazer uma dedicatoria, por exemplo ; — abro a pasta, vou á letra que desejo e tenho o que quero. E' o que se póde chamar — *estyllo garrido*. Preciso de uma comparação poetica ; abro a pasta e lá tenho a phrase prompta. Todo o meu trabalho está em accrescentar a isso alguma cousa minha, dois periodos que se repillam, uma contradicção que deixe atordoado o leitor. E está prompto ; o meu editor tem mais um livro, e eu tenho mais um volume para a lista.

— Para a lista ?

— Sim, para a lista dos meus volumes publicados... Hei de passar o Coelho Netto !

— E não será indiscrição perguntar quaes os escriptores que figuram na tal pasta ?

— A enumeração seria longa... Bastará dizer-lhe que, entre elles, figuram os proprios a quem tenho sovado. E' uma honra que lhes dou ; comprehende que passando por minhas as suas palavras, salvam-se ellas da mediocridade e do esquecimento.

— Com effeito.

Mas, nisto, C. de V. que consultava uma carta e se puzera a olhar para a numeração dos predios fronteiros, teve esta exclamação :

— Oh ! diabo ! Lá passei eu a casa !

E saltou do bond a correr



Farcem.



N'um destes dias ultimos, tendo acabado de me envenenar á bahiana n'um restaurante bahiano, e conservando nos labios um perfumado charuto da Bahia -- deixei-me estar, sentado á mesa, olhos vagos, absorto, como quem ao mesmo tempo se refizesse da fadiga do verão e do jantar.

Fóra, na rua, um realejo moía aquelle tango celebre — *Eu sou da terra do vatapá!*... Garotos apregoavam a grande da Bahia. Senhoras de flacidas mangas vistosas, e homens de largos chapéos de coco passavam, apressurados e suando. E, porque assim era, o meu espirito, assediado de pimentas, todo para as cousas bahianas se voltou.

E vi então, distinctamente, vi com estes dois olhos que já tantas extraordinarias cousas tem admirado e tem visto — vi que da azulada espiral diaphana e leve sahida do meu charuto duas esginas figuras, tambem leves e diaphanas saham. Cada figura trazia uma corôa na cabeça. E foram-se avolumando, e puzeram-se uma em frente da outra, e entraram a cantar em dueto, assim, com a musica dos *Tres barões*, no *Testamento da velha*.

O 1.º

Sou Geremoabo,
D'isso me gabo ;
Vou-te ás do cabo,
Vou !

O 2.º

Ai que esperanza !
Já, sem tardança,
Na governança
Stou !

O 1.º

O teu Senado,
Falsificado,
Foi debochado,
Foi !

O 2.º

Cousa de nada !
Conversa fiada !
Olha que espada
Dóe !

E eu ia adormecendo aquella musica que entoavam os dois velhos coroados e teimosos. E um vago torpor se me apoderava então dos membros lassos. Fóra, na rua, o realejo moía sempre o tango celebre :

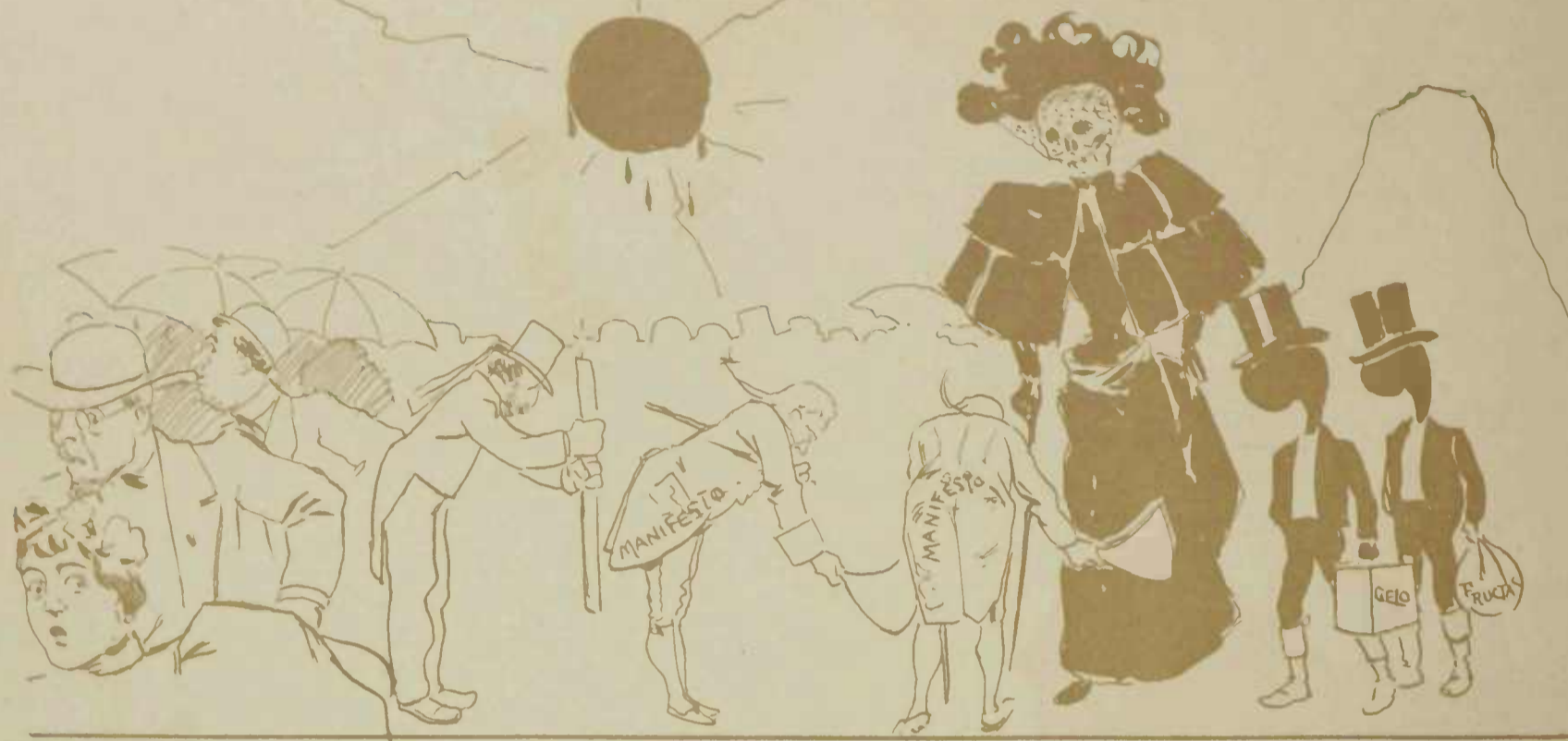
Eu sou da terra do vatapá.

X

Fui para casa a pensar na razão por que a minha memoria poderia ter evocado aquellas duas avelhantadas e coroadas figuras que na Bahia se disputam o poder. Eu não sou bahiano, não pertenco ao partido do sr. Arthur Rios, não tenho nada

SAUVE QUI PEUT!

PAGINA AMARELLA



Brrr! ella ahi vem! Tardava. Ao que parece não quiz antecipar-se aos manifestos monarchistas que desabrocharam nos primeiros dias de calor. Mas como os manifestos deram raia (nada periclitou)—ella apressa-se. Pessôas bem informadas affirmam que só ella pôde dizer se o dó do outro é *calante*, ou não. Já o Instituto de Musica nomeou uma commissão que será encarregada de arrancar de tão illustre dama a verdade, a verdade pela qual a America toda e toda a Europa esperam anciosamente, de olhos esbugalhados e bocca aberta.



Entre dois medicos.

— Que dizes? 300 contos, ao par, hein? Mettemos mãos á obra?

— Hum! Acho melhor entrarmos primeiro em negociações com os collegas e com a companhia dos carros funerarios...



Um que se safa para o Norte.

— Tenho pena de não poder ver a Moema, no Lyrico. Parece que é a Sertori quem fará a protogonista. Deve ser curioso, muito curioso! — ver o confronto entre a *Moema* do Delgado de Carvalho e a *Moema* do Bernardelli principalmente se a Sertori tiver de ser trazida á praia pelas vagas...

A NOTA... COMICA



(1)
 Sexta 22 de Novembro
 Para mim a musica foi, e e
 sera sempre como um dogma:
 - escuto-a mas não a discuto.
 A de Wagner, por exemplo, fa-
 zia-me dores de cabeça; cahi-
 am-me os cabellos dos ouvidos
 quando a ouvia. Não discuto
 Wagner - evito-o.

folhas d'uma carteira achada
 n'um bonde.

(2)
 ra o theatro, além da
 familia e do binoculo: um vo-
 lume de Blaserna, outro de J.
 Barreto de Aviz, outro de Hel-
 matz, um diapasão antigo e
 outro normal, uma loisa e
 giz para equações, um clarine-
 te frio e outro quente,

Eu queria que me descreves-
 sem o prazer que um homem
 pôde ter em ouvir uma ape-
 ra se é forçado a levar pa-
 um nivel d'agua (3)
 e um afinador de pi-
 anos - tudo isto para o fim
 de voltar para olar plenamente
 convencido de que o tenor deu o
 do pelo peito e não pelas costas.

+
 Parece que a critica musical
 so deveria ser feita por prepa-
 radores de physica. E d'ahi -
 talvez fosse menos rereativa...
 Eu que dava 7000rs por uma
 cadeira no Lyrico sem saber
 que ha sis Brazil



(4)
 (perdão,) que ha sis 2 (!!) compre-
 hendidos na tabella dos tubos de
 dois pés (havia tubos de dois pés e
 só agora o sei!) marcados com
 nada menos de 990 vibrações -
 creio que 991 nos annos bissex-
 tos. Como eu fui ignorante! Entre-

(5)
 vi-me a ir ao Lyrico ouvir a AIDA
 A GIOCONDA, A LUCIA, O TROVADOR,
 - sem saber esta coisa tão rudimentar:
 - que um clarinete em funções aquece (em
 bora não seja soprado por um padeiro à
 hora em que elle, à bocca do forno, es-
 pera que os pães se doirem) e que com
 o aquecer sobe de tom. Quem pôde
 adrinhar os caprichos do clarinete?

(6)
 Sabbado 23.
 O illustre X que se interessa vivamente por
 todas as questões ventiladas na imprensa, que-
 brou, afio, sete copos de crystal n'um restau-
 rant conhecido. O gerente aproxima-se e
 reprehensivo: - Senhor! Parece de proposito...
 - Não parece, é! Os seus copos são exereáveis!
 Não ha meio de lhes amanejar o di natural!
 Este ultimo deu apenas 1.030 vibrações e
 dez nove cacos!... Mude de fabricante!

J. L. MAGALHÃES

Pela copia J.M.

com a dissidência politica dos *Tres Jacarés*. Por que diabo então me teria vindo ao espirito a duplicata de assembleias do sr. Geremoabo e do sr. Camaçary?

Achei a razão no jantar. E' um phenomeno que já se têm observado. Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és. N'aquelle momento, empanturrado de umas tão apimentadas cousas, todo eu era convencidamente bahiano. D'ahi, a seguinte conclusão a que cheguei—ficam abolidos os restaurantes bahianos e vão com elles para o limbo os perfumados e modicos charutos de duzentos réis. Agora, para que se não diga que de uma vez por todas córto as minhas relações com o duplamente glorioso Estado do Sr. Arthur Rios,— a Bahia que me faça o favor de mandar para cá a grande da loteria do Natal — simples ou em duplicata.



Sabbado, na Camara, quando mais inflammado ia o debate de não sei que transcendente medida, ouvi que um deputado gritava assim para a mesa e para a maioria:

— Cidadão presidente! cidadãos deputados!

Era o Sr. José Timotheo, jacobino feroz. Para elle a excellencia do regimen republicano está precisamente n'isto — em não ter excellencia. Quando se muda manda cautelosa-mente ver se a casa pertence a individuo do sexo sem barbas, para não ter senhoria. E' cidadão e mais nada; tanto como o cidadão Polycarpo. De modo que para lhe não desagradar já a mesa da Camara resolveu corresponder aquelle extremado republicanismo. Ao conceder-lhe a palavra, o Sr. Rosa e Silva dirá de ora em diante:

— Tem a palavra o cidadão Timotheo.

Marcial.



Tivemos no Apollo as *Sete maravilhas do mundo*, magica em 3 actos, uma infinidade de quadros, não sei quantas apotheoses e nenhuma pilheria.

As sete maravilhas do Apollo são as seguintes:

1ª, a voz do tenor Augusto de Mesquita, que segundo nos consta vae ser classificada pelos Srs. Oscar Guanabarino e Rodrigues Barbosa;

2ª, o sotaque da Sra. Blanche Grau;

3ª, o Araujo fazendo de Satanaz;

4ª, o casal Nunes (Deus os fez e o Diabo os ajuntou);
5ª, os córos de mulheres, que estão a pedir accento circumflexo;

6ª, a musica, em que figuram Wagner, Saint-Saëns e Agostinho de Gouvêa;

7ª, o barytono Ayres, que faz de pharol de Alexandria e mais parece o de Juiz de Fóra.

Aconselhamos á sympathica empreza do Apollo que, quanto antes, lance mão de outra peça nova onde não haja tantas maravilhas.



No Recreio foi festejada a milésima do *Tim tim*.

Com as representações do *Tim tim por tim tim*, do *Fim de seculo* e do *Tim tim fim de seculo*, o Souza Bastos arranhou uma continha de chegar, que não lhes digo nada. O homenzinho conhece perfeitamente o seu publico...



Estiveram sabbado no Vellodromo Nacional (a taboleta diz *Bellodromo*) os poetas O. B., G. P., P. R., e A. de A. S.

Convenham em que *Nero* não é nome que se dê a um corredor, nem mesmo a um patamar; mas o caso é que n'um dos pareos figurava um corredor com esse nome.

Os poetas compraram de sociedade não sei quantas poules em *Nero*, e foram assistir á corrida de um camarote. *Nero* sahiu e durante algumas voltas se conservou na ponta.

Um dos poetas exclamou: — Bravo! já não podemos perder!...

Um sujeito que estava no camarote ao lado, observou como se dissesse a coisa mais natural d'este mundo:

— Não creia. *Nero* mandou fazer jogo no *Abel*.

Effectivamente, com mais uma volta, o famigerado imperador de Roma cedia visivelmente a victoria ao irmão de Caim, ficando em 3º lugar.

— Ai! o nosso rico dinheirinho! gemiam os poetas, sahindo do Vellodromo com b.

Bem feito! quem lhes mandou?



Não desagradou no Lyrico a representação da *Africana*, embora o tenor Vilalta seja um Vasco di Gama que não parece ter descoberto a... India.



Os srs. Rodrigues Barbosa e Oscar Guanabarino estão perdendo uma boa occasião de ficar calados. Infelizmente os collegas não são *calantes* como os dós do tenor Vilalta.

João Piloto.

VELHA ANEДОCTA.

SONETO DE
ARTHUR AZEVEDO.



TERTULIANO, frívolo peraltã,
que foi um paspalhão desde fedelho,
typo incapaz d'ouvir um bom conselho,
typo que, morto, não fariã falta.

lá um dia deixou de andar à metã,
e, indo à casa do pãe, honrado velho,
à sós na sala, em frente de um espelho,
à propria imagem disse em voz bem alta:

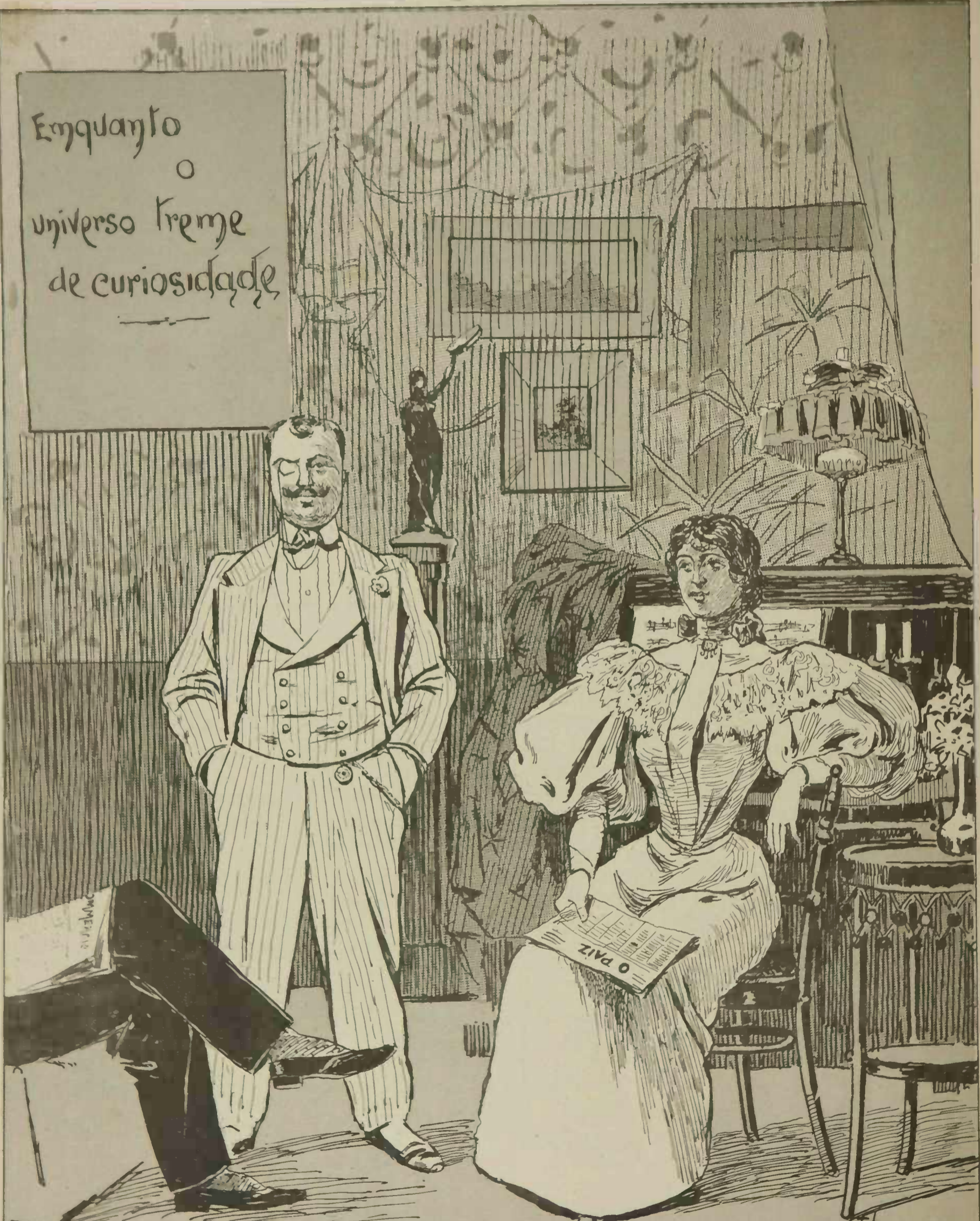
— Tertuliano, és um rapaz formoso!
és sympathico, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo se te faz preciso?

Penetrando na sala o pãe sisudo,
que por trãz da cortina ouvira tudo,
serenamente respondeu: — juiso. —

ARTHUR AZEVEDO

JOÃO MACHADO

Enquanto
o
universo treme
de curiosidade



— E, afinal, o que é um dô calante ?
 — Ao que parece, um dô calante é, pouco mais ou menos, um dô... "GORDIO"

J. M. MAGALHÃES